REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 472

1 DE FEVEREIRO DE 1892

Redacção – Atelier de Gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Mais um grande escriptor, mais um nobre caracter e um brilhante talento a morte acaba de arrebatar ás lettras portuguezas.

No dia 24, ás 5 horas e tres quartos da manhã, falleceu na sua casa ao Calhariz, o sr. D. Antonio da Costa, o auctor de tantas obras notaveis, notaveis por dois titulos, pela alta importancia da idéa, pelo encanto delicioso da fórma, porque D. Antonio da Costa era ao mesmo tempo um pensador profundo, e um propagador infatigavel da santa causa da instrucção, um estylista prestigioso na sua linguagem de uma pureza classica junta a uma simplicidade elegantissima.

Foi a *influenza* que o matou, deixando n'aquelle organismo gasto pela doença de muitos annos, uma pneumonia dupla que zombou de todos os cuidados da medicina.

D. Antonio da Costa tinha 68 annos e ha cousa de cinco ou seis annos aposentára-se do logar de chefe de repartição do ensino superior, que exercia na antiga Direcção Geral de Instrucção Publica.

Foi ahi na secretaria que nós tivemos o prazer de o conhecer de perto, de viver na sua camaradagem uns dez ou onze annos e que podemos então avaliar bem quanto valia aquelle caracter excepcional, aquella intelligencia previlegiada, e que contrahimos com D. Antonio da Costa as relações intimas de amisade que nos fizeram uma dôr profunda da sua inesperada morte.

É que D. Antonio da Costa pertencente a uma familia das mais illustres de Portugal, á familia Mesquitella, tinha pela sua educação todos os primores de delicadeza, todos os requintes de amabilidade que só a educação dá, ao passo de que pelo seu poderoso talento, pela sua vasta illustração possuia essa grande superioridade de espirito que se impõe, não pela *pose* nem pelo auctoritarismo, mas simplesmente pela fascinação, pelo encanto, por esse dom tão raro, tão prestigioso, e de que só os espiritos verdadeiramente de eleição teem o segredo.

Quando nós entrámos para a Direcção Geral de Instrucção Publica, ha dezeseis annos, já encontrámos D. Antonio da Costa occupando o logaem que depois se reformou, tendo já o seu grande nome litterario, e tendo passado havia seis annos pelo poder, exercendo o cargo de ministro da Instrucção Publica, no ultimo ministerio Saldanha, o tão fallado ministerio dos cem dias.

Apesar da sua elevada posição social da sua elevada posição burocratica, e da sua alta cathegoria littararia, D. Antonio da Costa recebeu-nos de braços abertos, com uma simplicidade e lhaneza como se fosse o mais humilde dos nossos novos collegas da secretaria.

E durante todos os dez annos que com elle vivemos dia a dia no ministerio, a delicadeza de D. Antonio da Costa não se desmentiu um momento, a lealdade do seu bello caracter e a pujança do seu bello talento tinham quotidianamente novas affirmações brilhantes que nos enchiam de admiração pelo escriptor, e de estima sincera, de profunda amisade pelo homem.

E não eramos só nós: todos os collegas de D. Antonio da Costa o adoravam, e o dia em que elle cheio de achaques resolveu pedir a sua reforma foi um dia de lucto na secretaria, quando chegou o momento dos abraços da despedida havia lagrimas em muitos olhos.

Depois D. Antonio da Costa apparecia de vez em quando no ministerio a visitar os seus antigos collegas, a matar saudades como elle dizia, e esses dias eram verdadeiros dias de festa para todos.

Ultimamente, ha já um par d'annos que elle não apparecia por lá: é verdade que a maior parte dos seus antigos collegas tinham já desapparecido no tumulo, Francisco Palha, Ferraz de Miranda, Joaquim Antonio Nogueira Barruncho, Castilho e Mello, João Ricardo

O NOVO MINISTERIO

DR. JOSÉ DIAS FERREIRA, MINISTRO DO REINO E PRESIDENTE DO CONSELHO

(Segundo uma photographia de J. Camacho)

Cordeiro, João Pereira, Coelho de Campos, etc.

Agora chegou a vez d'elle, o pobre D. Antonio da Costa ir acompanhar na morte esses seus queridos amigos e velhos companheiros.

Partiu para a grande viagem d'onde nunca mais se volta, mas deixou de si nome que viverá muitos annos, obras que levarão esse nome aos vindouros como o d'um dos homens mais prestantes do nosso seculo, um dos escriptores que mais trabalharam a favor da grande causa do futuro — a liberdade de ensino e a instrucção popular.

São numerosos os livros que D. Antonio da Costa deixa publicados: numerosos e todos elles valiosos: a *Historia da instrucção popular*, *Auroras da Instrucção*, *Necessidade d'um ministerio de Instrucção Publica*, *Instituição d'ouro*, *O christianismo e o Progresso*, *Historia do Marechal Saldanha*, *Tres mundos*, *o Minho*, *o Casamento civil*, cartas a Alexandre Herculano.

D. Antonio da Costa tambem se occupou do theatro, já como auctor, já como administrador: escreveu um drama original intitulado *Molière* e foi durante annos commissario regio do governo junto do theatro de D. Maria.

Agora entre os seus papeis encontrou-se uma obra completa, prompta para entrar no prélo, o seu ultimo trabalho — *A mulher em Portugal*.

Modesto na morte como modesto fôra em vida D. Antonio ordenou nas suas disposições testamentarias que queria um enterro humilde e sem as honras officiaes que lhe competiam como ministro d'Estado honorario.

A sua ultima vontade foi respeitada, mas se não teve as honras officiaes teve a homenagem dos seus numerosos amigos que o acompanharam á sua ultima morada, lamentando muito a pessoa que escreve estas linhas não ter podido, por não lh'o permittir ainda o seu estado de saude, prestar essa ultima homenagem ao illustre e querido morto.

*
* *

Como que para mostrar que não faz selecção, a Morte, no mesmo dia em que apagou a existencia preciosa d'um grande escriptor, atirou para a cova um pobre allucinado, que durante a vida se enfeitára com o titulo de homem de lettras e fizera rir muito a nossa geração com os seus originaes opusculos de moral e hygiene, o sr. Jayme José Ribeiro de Carvalho.

Houve um tempo, aqui ha 25 annos que o Jayme José Ribeiro de Carvalho teve um momento de verdadeira celebridade grotesca: foi quando principiaram a apparecer os seus primeiros opusculos.

Uma enorme gargalhada trocista acolheu em todo o paiz esses folhetos tão originaes na sua forma desconchavada que chegavam a ser inimitaveis, e durante esse tempo o Jayme José foi o heroe do dia.

Chegou a haver romarias a Ajuda para ver o popular auctor, os jornaes fallavam n'elle quotidianamente, o seu retrato e a sua caricatura appareceram nas illustrações, o seu typo foi reproduzido no theatro não só em revistas do anno, mas até n'uma comedia franceza que Pinheiro Chagas traduziu para o Gymnasio, o *Bébé* e em que Antonio Pedro arranjou uma caracterisação á Jayme José.

Depois, tudo passa n'este mundo e a celebridade do Jayme José passou.

Elle continuou sempre lá na Ajuda a fazer os seus originaes opusculos, a mandar as suas correspondencias para os jornaes, mas já ninguem fazia caso d'elle, já ninguem se ria com a sua prosa: a troça tinha se cançado e terminado com ella o ephemero reinado do popular auctor.

E estava tão esquecido que quando agora a sua morte o veio fazer lembrado, essa morte surprehendeu muita gente, muitos d'aquelles que com elle tinham rido a bandeiras despregadas e que já o julgavam morto ha que tempos, desde o dia em que as gargalhadas do publico deixaram de responder aos originaes opusculos.

No fim de tudo Jayme José Ribeiro de Carvalho foi um dos felizes da vida.

Atravessou o mundo mettido dentro do seu sonho de gloria, tomando como applausos e ovações, os chascos e a galhofa que os seus escriptos provocavam, tomando a troça como incenso, convicto de que era um homem de lettras, tomando-se a serio a si e tomando a serio a sua celebridade.

Assim viveu contente e satisfeito e assim morreu fazendo no seu testamento o seu ultimo opusculo, sem desmentir um momento sequer o seu estylo tão retrocido, que fazia torturas, que dava a vertigem que dá a conversação com um doido.

E com o Jayme José Ribeiro desappareceu no tumulo mais um dos nossos typos populares, que vão rareando de dia para dia, d'essa raça que se vae extinguindo sem deixar successão, e de que ha annos ainda havia tantos exemplares em Lisboa para gaudio do rapasio e galhofa do publico.

*
* *

No mundo criminal continua grande asafama, todos os dias apparece um crime novo, um crime de fraude, de roubo; a policia não tem mãos a medir e dir-se-hia que em vez de estarmos no fim do seculo estamos no fim do mundo, no levantar da feira.

Depois dos casos da companhia dos caminhos de ferro e do Banco Lusitano, appareceram o caso do Banco do Povo, o caso da falsificação das cedulas de tostão, e agora o caso das notas falsas de cinco mil réis.

D'este ultimo caso, graças a actividade e á intelligencia do sr. commissario da 2.ª divisão policial, a policia tem já em seu poder todas as provas do crime e todos os criminosos.

Dos outros casos falla-se muito, correm differentes boatos mas nada ha por emquanto de positivo além do que se sabia e noticiámos na nossa ultima chronica: entretanto parece que se preparam graves acontecimentos, que hão de dar muito que fallar e produzir escandalo graúdo na nossa sociedade.

Queixam-se muito por ahi da *influenza*. Ha sua rasão de queixa d'essa epedemia, mas grassa entre nós epedemia, muito mais perigosa do que a *influenza* — a febre do ouro.

Essa epidimia é que é preciso combater urgentemente, inergicamente, doa a quem doer o curativo.

*
* *

De theatros ha poucas novidades na occasião em que escrevemos esta chronica: ha duas peças novas, mas de que não podemos fallar ainda hoje pela simples rasão d'ellas se representarem uma amanhã no theatro da Avenida — *A roupa de francezes*, opera comica em 3 actos original do sr. Machado Corrêa, musica do maestro Freitas Gasul, e outra depois d'amanhã no Gymnasio o *Premio de Virtude*, traducção do *Prix Montyon*, de Valabregue e Hennequim, que se deve representar em beneficio do actor Silva Pereira.

Novidades ao alcance da nossa chronica, ha a *Guerra Alegre*, opera comica de Strauss com um poema interessante feito por Acacio Antunes e que agradou muito na Trindade, e a *Mignon* pela sr.ª Adelia Borghi em S. Carlos, novidade que tem já os seus cabellinhos brancos porque não só vão já muitos dias sobre a *premiere* da opera de Ambroise Thomas como tambem porque quasi que se pode dizer que já lá vai a epoca lyrica.

Luctando com embaraços financeiros, a empreza de S. Carlos não encontrando no Governo auxilio pecuniario para fazer face á differença de cambio, viu-se na necessidade de fallir segundo dizem os jornaes d'hoje.

E' muito lamentavel isto, mas é claro que na situação actual o Governo não podia deixar de fazer o que fez, e segundo nos affirmam a respeito de S. Carlos o Governo tem já o seu plano que nos parece o unico acceitavel na crise que atravessamos.

Esse plano é, uma vez terminado a actual empreza, não dar mais subsidio algum ao theatro lyrico e pôr o aluguer do edificio em licitação, podendo o alugador exploral-o á sua vontade, trasendo as companhias que quizer, fasendo as epochas do tamanho que entender e pondo os preços que julgar convenientes, e pode muito bem ser que n'estas condições o theatro de S. Carlos sendo uma receita para o Estado em vez de uma despeza como hoje é, passe a ser um bom negocio para os emprezarios e até mesmo para o publico, porque contando sómente com o publico para as suas recitas as emprezas hão de ter o cuidado de bem o servir.

A' ultima hora affirmam-nos que se a empreza entregar o theatro ao governo, a epoca lyrica não acabará porque ha já mais d'uma empreza que se propõe a tomar o theatro, sem subsidio, pelo resto da epoca.

Veremos e contaremos.

Gervasio Lobato.

O NOVO MINISTERIO

No curto espaço de dois annos, para a vida de uma nação, é este o quarto ministerio que sobe ao poder em nome da salvação do paiz, sem que os seus antecessores conseguissem satisfazer á espectativa publica.

A questão ingleza derrubou dois ministerios e afinal terminou desastradamente para a diplomacia portugueza. A questão financeira, tem derrubado os dois ultimos governos, comprometendo estes cada vez mais as finanças publicas.

Por esta simples e breve exposição se pódem bem calcular as dificuldades que esperam o novo governo, e quão espinhosa é a sua tarefa, talvez superior a todas as forças e vontade que animem os novos ministros.

Este ministerio mais que os precedentes, vem em nome da salvação publica, porque as difficuldades são cada vez maiores, e a anciedade publica vae tocando já a impaciencia por vêr essas difficuldades vencidas.

D'aqui é facil de calcular qual não será o desalento publico se o novo ministerio não poder ou não souber triumphar da situação com que se vae vêr o braços.

A esperança que parece fundar-se no novo ministerio, parece-nos que nasce muito mais da necessidade de termos esperança em alguma cousa do que realmente fundar-se em principios logicos, que façam prever finalmente uma solução favoravel aos males que nos atormentam.

Oxalá que nos enganemos e que os novos ministros com todo o talento de que são dotados e a boa vontade que os animou a tomarem sobre seus hombros tão pesado cargo, convertam aquella esperança n'uma realidade.

Não é porque ao paiz faltem recursos para restabelecer as suas finanças, o seu credito, as suas forças, o que lhe falta é moralidade e senso commum.

Póde dizer-se que é preciso desfazer tudo para se organisar de novo, taes são os vicios que corroem a publica administração. Essa obra que importa attentar contra os costumes, remodelar uma sociedade, collocal-a em um novo caminho, crêmos bem que não se faz de um dia para o outro, não a faz um governo saido da actual sociedade, não o consegue a vontade de meia duzia d'homens, porque seria preciso o concurso de todos.

E de todos como póde ser se o meio é este ? !

Esta é a maior difficuldade, o maior mal. Todos o apontam na generalidade, ninguem o quer reconhecer na especialidade. Eis a que nos levou a politica dos arranjos, a politica de corromper para governar.

O actual governo não tem compromissos partidarios, porque os membros de que se compõe tem mantido no parlamento uma certa independencia dos corrilhos politicos, o tempo mostrará se essa independencia será sufficiente para triumphar das pressões partidarias.

*
* *

Publicando os retratos dos novos ministros; vamos reunir algumas notas biographicas de cada um d'elles, conjunctamente com alguns traços que esboçem o seu caracter.

Dr. José Dias Ferreira ministro do reino e presidente do conselho. Antigo lente da Universidade de Coimbra, jubilado ha annos e tendo, em Lisboa, banca de advogado, sendo dos mais reputados no fôro portuguez, a ponto de que qualquer questão judicial por mais intricada que seja, nunca o deixou ficar mal.

Isto tem-lhe grangeado uma fama extraordinaria, fama merecida e que faz inteira justiça á sua capacidade forense, ao seu caracter energico e actividade.

Desde 1860 que occupa a sua cadeira de deputado no parlamento em successivas legislaturas, sendo eleito pela primeira vez aos 23 annos de idade, pois nasceu em Sombreira, concelho d'Aveiro, a 30 de novembro de 1837.

Foi pela primeira vez ministro em 1868, encarregando-se da pasta da fazenda, no ministerio da *janeirinha*.

Cahiu com o bispo de Vizeu, em julho d'aquelle mesmo anno, e voltou ao poder em 1870, no ministerio Saldanha, sahido da revolta de 19 de maio, sendo encarregado n'este ministerio tambem da pasta da fazenda e por fim da pasta da justiça.

Tomando sempre parte activa nos trabalhos parlamentares, tem manifestado o seu espirito liberal e sustentado uma certa independencia, chegando mesmo a formar um pequeno partido, alcunado *a patrulha*.

Como estadista pouco se póde ajuziar do seu valor, porque os seus governos foram curtos e não o deixaram brilhar, mas se n'esta qualidade se egualar aos altos dotes de jurisconsulto que o

distinguem desde os bancos da universidade, poder-se-ha affirmar que é um estadista de primeira plana, tanto mais nas difficeis circumstancias em que acaba de subir ao poder.

Entre as suas obras juridicas notaremos os *Commentarios ao Codigo Civil*, trabalho de alto valor.

Joaquim Pedro de Oliveira Martins ministro da fazenda. E' pela primeira vez ministro apesar do seu nome andar ha muito tempo indicado para os conselhos da corôa. Tocou-lhe agora a vez e a sua assenção ao poder foi em geral bem recebida.

Publicista notavel é grande a sua bagagem litteraria e pela litteratura se elevou e tornou o seu nome conhecido.

Nasceu n'esta capital a 30 de Abril de 1845, e tendo frequentado o lyceu de Lisboa, teve que interromper os estudos em concequencia da morte de seu pae, Francisco Candido Gonçalves Martins, official da Junta do Credito Publico, que foi uma das victimas da febre amarella que assollou esta cidade em 1857.

Então dedicou-se o sr. Oliveira Martins á vida do Commercio e, em 1870, foi empregado para as minas de Santa Eufemia, em Cordova, vindo em 1874 estabelecer a sua residencia no Porto, onde desempenhou o logar de director da exploração do Caminho de ferro do Porto á Povoa e Villa Nova de Famalicão.

Em 1878 escreveu uma memoria, *Circulação fiduciaria* que apresentou á Academia Real das Sciencias de Lisboa, no concurso por esta aberto. Esta memoria foi premiada com a medalha d'ouro e valeu ao seu auctor o titulo de socio correspondente.

Em 1884 foi nomeado membro da direcção do Museu Industrial e Commercial do Porto e vogal da commissão encarregada de propôr providencias para melhorar a situação das classes trabalhadoras.

É socio de varias sociedades scientificas nacionaes e estrangeiras e deputado da nação ha tres legislaturas.

As suas ideas avançadas trouxeram-no affastado dos partidos monarchicos, mas em 1884 mudou de orientação e passou ás fileiras da monarchia.

Tem collaborado em varias publicações litterarias, scientificas e na imprensa diaria. O Occidente honra-se em o contar no numero dos seus colla-boradores.

As obras do sr. Oliveira Martins são as seguintes:

Do principio federativo e sua applicação á peninsula hispanica. Os Lusiadas: ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação á sociedade portugueza e ao movimento da renascença. Portugal e o socialismo. Exame constitucional da sociedade portugueza e sua reorganisação pelo socialismo. Theoria do socialismo. Evolução politica e economica das sociedades na Europa. Theophilo Braga e o cancioneiro. A reorganisação do Banco de Portugal. As eleições. O hellenismo e a civilisação christã. A circulação fiduciaria. Historia da civilisação iberica. Historia de Portugal. O Brazil e as colonias portuguezas. Portugal contemporaneo. Elementos de anthropologia. Historia natural do homem. As raças humanas e a civilisação primitiva. A linguistica. Systema dos mythos religiosos. Quadro das instituições primitivas. O regimen das riquezas. Elementos de chrematistica. Taboas de chronologia e Geographia historica.

Vê-se que tem escripto muito e, portanto, estudado muito tambem, resta ver se o estadista tem o mesmo pulso do homem de letras.

Visconde de Chancelleiros, ministro das Obras Publicas Commercio e Industria. É par do reino vitalicio desde 1861 tendo succedido a seu pae no pariato, mas desde 1857 que teve assento na camara dos deputados, sendo eleito a primeira vez pelo circulo de Torres Vedras.

Pertence a uma familia de honrosas tradições, de inconcussa probidade, de talento e de valiosos serviços á causa publica, sem nodoa nem mancha.

O sr. Sebastião José de Carvalho, visconde de Chancelleiros, desde 1865, nasceu em 1830, pelo que conta 62 annos.

Já foi ministro das obras publicas, no ministerio presidido pelo fallecido Duque d'Avila, em 1871, mas o seu governo foi curto porque entrando em 1 de março sahiu em 12 de julho, não tendo por isso occasião de dar que fallar de si.

Na camara alta é um dos parlamentares mais distinctos e os seus discursos, sempre de forma original, tem revelado grande fundo de conhecimentos administrativos, devendo-se notar que as suas obras confirmam as suas palavras, porque tem sido um excellente administrador das suas propriedades.

Tem o curso de engenheria, e vastos conhecimentos agricolas, conhecimentos praticos, porque é um dos primeiros lavradores do concelho de Alemquer, onde possue importantes propriedades na Cortegana.

Soube luctar com intelligencia contra o philoxera que evadiu as suas vinhas, e salvou a sua cultura.

O seu talento, os seus vastos conhecimentos, e a independencia do seu caracter, são tudo garantias para ser um bom ministro.

D. Antonio Ayres de Gouveia, Bispo de Bethsayda, ministro da justiça e dos ecclesiasticos. É um antigo parlamentar e a sua dignidade de bispo deu-lhe entrada na camara dos pares.

Espirito liberal, nem por isso confunde a liberdade com a licença, distinguindo-se pelo seu caracter recto e disciplinador, sem se importar com a *brandura dos costumes*.

Foi lente de direito penal na Universidade de Coimbra, logar que desempenhou de forma superior.

Não sabemos ao certo a sua idade, mas deve passar dos sessenta annos, entretanto conserva toda a energia e actividade dos seus tempos de novo.

Já foi ministro da justiça em um ministerio presidido pelo duque de Loulé, e n'essa occasião soube fazer justiça summariamente contra dois funccionarios que tinham prevaricado fiados na sua alta influencia.

Tambem presidiu á camara dos deputados, e a sua palavra no parlamento tem sido sempre escutada com interesse, como a dos mais notaveis oradores.

O anno passado fez na camara dos pares, um notavel discurso que deu que fallar na imprensa, pelas ideias que expoz em completa opposição com os processos politicos da actualidade.

Conta-se que o novo ministro ao receber os cumprimentos de empregados da sua secretaria, lhes agradeceu esses cumprimentos, dizendo que não podia corresponder a elles tão agradavelmente quanto desejava, porque vinha com as mãos vasias de graças, e se via na dura necessidade de tirar em vez de dar, mas sim seria recto, cortando a direito fosse por onde fosse.

Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, ministro da marinha e ultramar. Capitão de fragata é longa a lista dos seus serviços, tanto como official de marinha em serviço na armada, quer como governador nas nossas provincias ultramarinas.

O sr. Ferreira do Amaral nasceu em Lisboa a 11 de junho de 1843, e é filho de João Maria Ferreira do Amaral, bem conhecido pelo seu valor e importantes serviços, tendo sido victima do seu arrojo, morto traiçoeiramente a golpe de machado, pelos chinas em Macau.

Seu filho não é menos valente, como provou no Zaire e Inhamalungo, onde andou em perseguição da escravatura, chegando a ser ferido.

Tem embarcado na maior parte dos navios da armada e commandado alguns d'elles.

Tem sido governador de Mossamedes, S. Thomé, Angola e da India, tendo percorrido alem d'isso grande parte do interior d'estas provincias, e conhecendo de viso proprio todos os portos das possessões portuguezas.

Uma grande parte do progresso das nossas colonias deve-se á sabia e zelosa administração dos seus governos, e póde-se dizer que o seu nome está ligado a todos os melhoramentos ali realisados.

Muito mais militar e patriota do que politico, tem sido talvez esta razão porque ha mais tempo não foi chamado á desempenhar o cargo que acaba de lhe ser confiado. Não lhe faltam qualidades para bem se desempenhar d'elle, e tudo faz esperar que o seu governo será serio e de proveitosos resultados para a marinha portugueza e administração das nossas colonias.

Dr Antonio de Sousa Silva Costa Lobo, ministro dos negocios estrangeiros. É a primeira vez que é chamado aos conselhos da corôa, o que não quer dizer que seja um novo, pois rasteja pelos cincoenta annos, nem que seja novo nas lides parlamentares.

Par do reino, por hereditariedade, tem sustentado sempre na camara alta uma individualidade distincta, sem commungar na politiquice dos nossos dias.

E' doutor em direito e professor do curso superior de lettras.

Possuidor de avultados bens de fortuna, elles lhe tem permittido o fazer grandes viagens pela Europa, tendo visto de perto os grandes centros de progresso das principaes nações.

Quando não viaja estuda nos livros, e porisso é grande a somma dos seus conhecimentos.

Caracter independente e recto, a sua individualidade tem muitos pontos de contacto com a individualidade do seu collega visconde de Chancelleiros.

Vae provar a seu valor como estadista, na hoje difficil, pasta que lhe foi confiada.

Jorge Candido Pinheiro Furtado, ministro da guerra. General de divisão e um dos raros valentes que restam das campanhas da liberdade, em que tomou parte desde os Açôres até Evora Monte.

Nasceu em Lisboa a 10 de outubro de 1810, e em 1829 sentou praça de cadete. Emigrou para os Açôres onde teve o seu baptismo de fogo, e quando em 1832 desembarcou na praia do Mindelo, foi-lhe conferido o posto de alferes por distincção.

Terminada a campanha da liberdade fez parte da divisão auxiliar a Hespanha e por lá andou de 1835 a 1837, sendo premiado pelo seu valor, com a medalha de S. Fernando, que corresponde a Torre e Espada portugueza.

Commandou o batalhão naval e depois varios corpos de infanteria, sendo-lhe confiadas diversas commissões militares de que sempre se tem desempenhado dignamente.

Em 1889 foi nomeado commandante da 3.ª divisão militar sendo inspector da arma de infanteria, deixando aquelle commando no anno seguinte para voltar á commissão que desempenhava.

Por decreto de 5 de janeiro de 1891 foi nomeado ajudante de campo honorario de El-Rei D. Carlos.

São extremamente honrosos os actos da sua vida de militar e apesar de todos os trabalhos e da avançada edade, tem ainda bastante energia e não se escusou ao pesado cargo de ministro para que foi convidado.

Que a sua gerencia possa restabelecer e dar ao exercito portuguez todos os melhoramentos de que elle precisa é o que sinceramente desejamos.

C. A.

IMPRESSÕES VEGETAES

SOBRE CINZAS VULCANICAS AGGLOMERADAS, PROVENIENTES DA ERUPÇÃO DO MONTE BRASIL NA ILHA TERCEIRA (AÇORES)

O monte Brasil, a que a Terceira deve o seu porto de Angra do Heroismo, principal serventia maritima da sua lindissima cidade, é de origem relativamente moderna. Vulcanico, como toda a ilha, tem, no entanto, de considerar-se muito mais novo do que ella, por ser filho de uma erupção submarinha, que explodiu perto do seu littoral, e a que se deve o accrescentamento d'esta especie de guarda avançada oceanica, extremamente formosa e pitoresca. Coroada por um castello de larga historia e de amplas e extensissimas perspectivas, serve tambem de estação semaphorica, indicando a proxima chegada de navios e paquetes, e cumprindo com outros deveres, inherentes a tão *alto* serviço, com a pontualidade e discripção, que são proprias das suas tradicções e cathegoria.

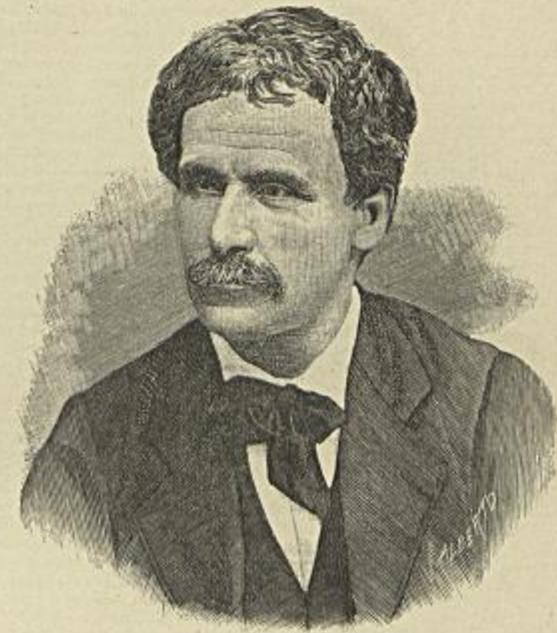
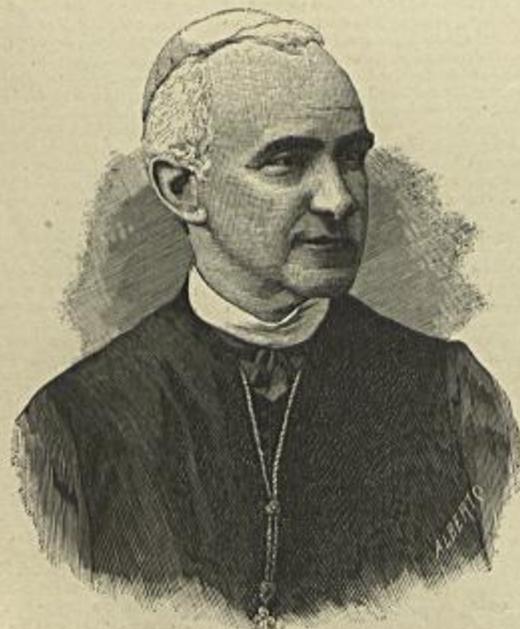
Ao vel-o de longe, acocorado sobre as ondas e deitado sobre o oceano, sombrio e immovel, lembra vagamente um monstruoso bull-dog, defendendo noite e dia a ilha hospitaleira, que é tão nossa pelas recordações, como o é pela indole e pelas virtudes, genuinamente portuguezas, que tanto a recommendam e caracterisam.

Deixemos porém o Monte Brasil, que são largos os contos que, ácerca d'elle, me reservo, e vamos á nossa gravura, que é para ella que escrevemos este pequeno memorandum.

Emergida do Atlantico a ilha Terceira, ninguem poderá contar-nos hoje a sua historia, senão ella propria, nos vestigios do seu trabalho de formação. Filha de partos vulcanicos successivos, não foi feliz, como se vê, na sua primeira meninice. Rochas inflammadas, vapores asphyxiantes, densos e calidos nevoeiros, terrenos inconsistentes, negras penedias movediças ou mal assentes, o mar em lucta com o fogo, extensas rochas levantadas sobre abrazados rochedos, rios de lava, extranhas e scintillantes illuminações nocturnas, o raio, as chuvas e as nebrinas perante o dia, a custo alumiado por um sol anemico e combalido, tal foi a Terceira durante annos e seculos, porventura, da sua infancia attribulada. Ha no tempo, entretanto, remedio para tudo e com elle o que era lume, tornou-se no brando e tepido calor que doura as cearas, que fructifica as arvores, que attrae e explica o gorgeio das aves e cria e suavisa o perfume das flores. As rochas vestiram-se, então, de virente verdura. A vida hospedou-se na nova ilha açoriana e flores e arvoredos toucaram-

O NOVO MINISTERIO

DR. ANTONIO DE SOUZA SILVA COSTA LOBO
Ministro dos Negocios Estrangeiros

JOAQUIM PEDRO D'OLIVEIRA MARTINS
Minist[illegible]da Fazenda

VISCONDE DE CHANCELLEIROS
Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria

D. ANTONIO AYRES DE GOUVEIA, BISPO DE BETHZAYDA
Ministro da Justiça e dos Ecclesiasticos

FRANCISCO JOA[illegible] FERREIRA DO AMARAL
Ministro d[illegible]inha e Ultramar

GENERAL JORGE CANDIDO PINHEIRO FURTADO
Ministro da Guerra

na e embellezaram-na, na previsão, talvez, dos seus primeiros exploradores, animando-os e encitando-os, d'esta arte, a abrirem n'ella pousada e descendencia.

Foi n'este entrementes, como alguns dizem, que nasceu o Monte Brazil. Um dia, ou n'uma noite — quem o viu para o dizer ou contar! — estrepitos medonhos, pavorosos fragores, apenas ouvidos, talvez, pelo céo e pelas ondas tumultuosas e revoltas, annunciavam ao mundo, entre jactos ebullientes e repuchos collossaes de cinzas e pedras fumegantes, que a Terceira, quasi esquecida dos sinistros, de que nascera, tinha que contar com mais um pedaço de terra, nascido em pleno oceano, mas accrescentado á viva força e preso á velha ilha por um cordão umbilical de escorias e de lapilli, vomitados pela nova cratera. Rasgada e aberta em varias bocas, no seu fadario de se nutrir e avolumar não cessava esta, entretanto, de expellir detrictos sem conta nem medida, e cujas partes mais tenues foram, a pouco e pouco, subterrar, a alguns kilometros do centro da erupção, plantas e arvoredos, que ora se encontram estampados na pedra molle e esboraçadiça, que o tempo formou, consolidando a incoherente substancia primitiva.

A nossa gravura representa uma d'estas moldagens em alto relevo, documento authentico da crise geologica parcial, a que acabamos de alludir. E' copia de um exemplar, que possuimos, dadiva generosa de um nosso amigo terceirense.

E assim iremos dando, em doses homeopathicas, noticia de varios factos curiosos, apurados na nossa recente viagem aos Açores, viagem de que trouxemos um precioso cabedal de informações, naturalmente perdidas, por que o governo transacto não quiz cumprir com a resolução unanime da camara popular, determinando, sem encargos para o thesouro, a publicação em livro, do relatorio da nossa viagem, da qual trouxemos alguns centos de clichés photographicos *ineditos*, e uma interessante collecção de objectos d'estudo e de museu. Coisas nossas... com que tanto se promove e estimula o zelo e o patriotismo alheio!

Lisboa, 3o de janeiro de 1892.

José Julio Rodrigues.

ESTACIO DA VEIGA

SOCIO DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

II

(Continuado do n.º 470)

No anterior artigo não reparámos que era uma biographia que estavamos escrevendo, — porque nós nunca escrevemos biographias, temos, sim, escripto muito, sobre os homens e a sua obra — por isso não conhecendo a praxe não dissemos que Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga nasceu no dia 6 de maio de 1828, em Tavira e falleceu em Lisboa na edade de 63 annos.

* * *

Continuando a nossa apreciação sobre o monumental trabalho do inolvidavel archeologo diremos que no IV volume das *Antiguidades monumentaes do Algarve* se encontram preciosos subsidios sobre o periodo neolithico de que se occupam os dois primeiros volumes —; uma importante referencia sobre a impugnação feita no anterior volume á theoria que attribue ás migrações asiaticas a instauração das industrias metallurgicas na peninsula luso-hispanica; previnem-se os futuros exploradores do muito que ficou ainda por descobrir no territorio do Algarve, recommenda-se lhes com particular attenção as cavernas inexploradas e indica-se o motivo unico que a impedio. E o erudito archeologo Estacio da Veiga explica assim este facto: «... mas de tal falta ninguem me pode arguir, sabendo-se que todos os meus estudos hão sido obrigados a prazos fixos e fataes, como se fossem mecanicas de calculavel acabamento. Entendo, porém, dever denunciar esta falta com inteira lealdade, para que os futuros exploradores não julguem haver ficado aquelle manancial de riquezas archeologicas completamente esgotado.»

Quer dizer, o fallecido academico, esbarrou com o eterno travão burocratico aggressivo a tudo que represente trabalho, talento e desinteressada dedicação, encontrou a impedir-lhe a sua missão, — o *politico*.

Continuando, Estacio da Veiga, n'este volume demonstra que não veio da Asia a primitiva civilisação da peninsula, e faz um resumo dos caracteristicos que representam os inicios da industria manufactora do cobre; mostra que as frechas, lanças e outros artefactos de cobre teem sido encontrados em habitações arrazadas da ultima idade da pedra; fundamenntos com que foram divididos os tempos prehistoricos na idade da pedra, bronze, e do ferro; a lei de Thomsen não se pode applicar á peninsula hispanica; caracteristicos da idade do cobre em Portugal e na Hispanha; descripção de todas as estações e necropoles do Algarve em que se encontram objectos de cobre; enterramentos em grandes potes de barro cru em Almeria eguaes aos que se encontraram em Val de Loma, Monte de Acaria, varzea de Arão, Bensafrin. Odiaxére Chocalho e Epiche; este systema de inhumação parece exclusivo do reino do Algarve, por isso que em Almeria os artefactos são de bronze, na Chaldéa, na Assyria e no Egypto são os artefactos de ferro; mostra-se que o grande tracto de terreno abrangido pelas freguezias de Vaqueiros, Martim Longo, Giões, Pereiro e Alcoutim, entre as ribeiras do Vascão e da Toupana, constituem uma riquissima região cuprifera com quatro minas, de trabalho antigo, muitos instrumentos de pedra e necropoles da idade do cobre nas proximidades de cada uma, distinguindo-se a de Martim Longo com a manifestação de um monumento epigraphico com duas inscripções de caracteres peninsulares.

Estacio da Veiga, conclue n'este volume que todos os factos por elle apontados comprovam que aos tempos neolithicos succedeu no Algarve a *idade do cobre.*

Quanto á *idade do bronze* diz Estacio da Veiga de um modo cathegorico: «Está exuberantemente demonstrado, que a idade do bronze não succedeu á ultima idade da pedra na peninuula luso-hispanica, na grande maioria das nações da Europa, no continente americano e ainda n'outras regiões do globo, mas sim á idade do cobre, em que tambem se manifestaram o oiro, a prata e mais algumas essencias metalliferas...»

Demonstra tambem, o illustre auctor das *Antiguidades monumentaes do Algarve* n'este largo trabalho sobre os tempos prehistoricos que na nossa peninsula, como n'outras muitas nações, a idade do bronze não succedeu á ultima idade da pedra, que a Escandinavia não tinha condições phisicas para poder constituir a serie das estações humanas desde os tempos paleolithicos, e que houve portanto um fóco de população que destacou emigrantes no rumo do norte que chegaram á Noruega e Suecia, onde o sr. Mortillet, um sabio geologo que muito estimava o nosso Estacio da Veiga, encontrou umas lanças de fórma triangular e quadrangular de schisto silicioso escuro com um pequeno appendice, semelhantes ás que em scientificas excavações se encontrarram em Portugal. Parece d'aqui demonstrar-se a affirmação de Bonança, de que o povo luzitano foi o primeiro povo civilisador da Europa, chegando nas suas excursões ás regiões mais longinquas. A civilisação luzitana ou a dos lusos e iberos, porque a par trabalharam quasi sempre estes dois povos, foi, nos seus mais eloquentes monumentos demonstrativos da sua superioridade intellectual e da sua actividade phisica, completamente destruida pelos romanos. Se até houve um imperador romano, Julio Cesar, que ordenou que a existencia do mundo datasse do anno do nascimento de sua augusta pessoa!

Ah! mas essa civilisação devida á grande audacia e espirito emprehendedor dos luziberos não se perdeu de todo. A Terra, essa mãe carinhosa guardou sofrega nas suas entranhas o segredo de uma civilisação que um despotico imperador romano imaginava ter apagado do livro implacavel da Historia. A terra-mãe deixou nos fosseis, no grez, no bronze, no cobre, na pedra, e no ferro a historia d'esse povo audaz e nobre, que depois de ter civilisado a Europa, ainda accusava a linha dos seus maiores quando depois de milhares de annos demonstrava a mesma indole nos arrojados navegadores dos seculos XV e XVI.

* * *

O fallecido academico, o erudito escriptor, o sabio archeologo que em vida foi tão modesto, nunca teve palavras de attaque senão para os grandes, para os que se aproveitavam da enercia de uma nação que desfallece afim de lhe arrebatarem os ultimos dobrões, o ultimo ceitil, para os dispenderem na satisfação das suas crapulosas ambições. Nunca o sabio escriptor, Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga, o fidalgo antigo, deixava de ter palavras de animação, de conforto para os que soffriam, para os humildes.

Quando alguem lhe visse incender-se-lhe o olhar que parecia dar á sua fina barba branca um tom prateado, quando alguem lhe ouvisse a voz abaritonada tomar um som metallico, estridente... Era certo que Estacio da Veiga encontrara uma injustiça, e era porque esmagava uma calumnia.

De resto o illustre homem de sciencia era um genio brando, affavel, sempre generoso com os fracos, sempre justiceiro com todos.

E' uma grande perda para a nossa sciencia, na parte archeologica, e na prehistorica, o passamento de Estacio da Veiga.

E agora que está no Poder um homem honrado e de uma vasta erudicção, um homem bom, como diziam os antigos, um ministro que foi levado ao poder pela nação, e não pelos politicos, o sr. dr. José Dias Ferreira, lembramos que Estacio da Veiga deixou viuva e filhos que não podem desassombradamente viver para conservar o nome glorioso do infatigavel archeologo que dispendeu tão largos capitaes em honra da Patria.

Manoel Barradas.

A MÃE DE CAMÕES

(Continuado do n.º 471)

«Alem d'isso, adduz o sr. Storck, é bom lembrar que Filippe II procurava ganhar a affeição dos portuguezes por todas as maneiras. Visto que o partido nacional e anti-castelhano tinha inscripto no seu guião o nome do grande épico, é muito natural que Filippe outorgasse de boa vontade os dinheiros muito modicos da tença sem previas inquirições sobre o parentesco de Anna de Sá e de Luiz de Camões, e sem se importar com os parentes collateraes do poeta, nem com reclamações que pudessem fazer, eventualmente, sobre a quota parte da herança, só dois annos depois da morte do poeta Mas o monarcha certamente não procederia sem que a viuva muito velha e muito pobre do antigo cavalleiro-fidalgo Simão Vaz, que era ao mesmo tempo mãe e herdeira do cavalleiro-fidalgo Luiz de Camões formulasse as suas humildes supplicas».

Concordo em que Filippe II, tendo-se apoderado do nosso paiz pelo suborno e pela força, e graças ao miseravel estado em que nos deixaram os nossos infortunios, procurava ganhar o animo dos portuguezes por todos os modos; mas não concordo em que o partido anti-hespanhol, isto é, quasi Portugal inteiro, houvesse então inscripto no seu estandarte o nome do grande épico. E' de certo Camões o poeta mais nacional entre os maximos de todos os povos; o que mais resume em si uma nação com as suas glorias, aspirações e soffrimentos; foi o maior dos esculptores da grandiosa estatua da patria; e a sua obra e o seu nome influiram e continuarão a influir luz, alma e vida no corpo da sociedade portugueza, acompanhando-a e alegrando-a nos dias prosperos, e principalmente confortando-a e levantando-a nos desgraçados; mas as raizes da sua fama criadas á custa d'aquelle excepcional coração e d'aquelle singular talento, embora já verdejassem e já florescessem, emquanto vivo, só começaram a fructificar e a estender ao longe a sombra protectora da sua ramagem depois que sobre o seu tumulo se foram a pouco e pouco amontoando os annos, e communicando-lhe a sua seiva transformadora. Com elles cresceu, e tambem com a nossa propria decadencia, porque então mais o procurámos, e estimámos, como na infelicidade mais se procuram e mais se estimam os amigos; e que grande amigo aquelle! Depois d'isto os annos tornaram-se seculos; e hoje a sua estatura, gigante, quasi que attingiu as proporções da estatura da patria que elle cantou e glorificou; e hoje Portugal e Camões, um a par do outro, vivem aos olhos do mundo unidos e eternamente abraçados. Camões portanto morrendo em 1580, pobre e no abandono, causou incomparavelmente muito menos abalo nos portuguezes de então, do que produz nos de hoje que o vemos immenso nas proporções, coberto do seu manto de gloria, quasi um mytho, divinisado quasi, a mais de trezentos annos de distancia. A sua morte passou, por assim dizer, despercebida entre os lamentaveis acontecimentos da epocha: a derrota de Alcacer-Kibir; as intrigas por causa da successão da corôa em torno do rei-cadaver que se chamou D. Henrique; o desanimo e os temores do povo; a timidez, a perturbação e a subserviencia dos governadores do reino; a invasão do exercito hespanhol com todas as suas terriveis consequencias; e a maior de todas ellas: a perda

da liberdade da patria. Dois annos depois da morte de Camões, e menos de dois annos depois da perda da batalha de Alcantara, data do primeiro documento, a influencia do seu nome e da sua obra pouco teria crescido; e, se o monarcha usurpador quizesse, ainda assim mesmo, lisonjear os portuguezes galardoando os serviços do grande poeta, de certo o faria, como era de justiça, nos seus parentes mais chegados, e não em sua madrasta, sem dispensar as previas inquirições e não se guiando unicamente pelo requerimento d'ella. Proceder Filippe II conforme se pretende seria offender e não favorecer os portuguezes, indo contra a razão, e, o que é peior, contra as leis do reino que acabava de jurar guardar.

(Continúa)

Ramos Coelho.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XXIV

COMMOÇÃO SALVADORA

Salvos assim d'uma situação que n'um momento roubara a Luiz e a Fernando a esperança de poderem liquidar com a urgencia que desejavam o grave assumpto em que andavam empenhados, trataram de se pôr novamente em acção.

Agora, encontrado Emilio, só faltava encontrar o morgado e obrigal-o á restituição da fortuna que pertencia a Anna da Soledade.

Apesar de não terem dados para affirmar que Claudio de Castro era o auctor da carta anonyma escripta ao coronel Berthier, accusando-os como patriotas e conspiradores, comtudo presentiam que só pelo morgado lhes poderia ser vibrado aquelle golpe, que, se não fossem as circumstancias especiaes que se haviam dado, lhes poderia ser fatal.

Para o ajuste de contas era mais uma accusação que tinham a fazer-lhe; mais um crime que tinham a exprobrar-lhe e de que pedir-lhe contas; porem, aonde encontrar esse homem que de repente havia desapparecido de Beja, sem que ninguem soubesse para onde elle tinha ido?

Depois da expulsão dos francezes e da junta começar a entrar em acção, Beja voltára de novo ao seu socego habitual e o povo recomeçara a sua faina nas officinas e nos campos.

Fernando e Luiz acharam tambem que deviam por de parte a politica, em que não tinham vaidade de figurar, e occuparem-se exclusivamente do que tanto os preoccupava.

Luiz havia dois dias que não sabia de Anna da Soledade e por isso lembrou ao seu amigo, que seria indispensavel ir quanto antes vel-a, inquirir do seu estado, observar se a anemia cerebral lhe continuava paralysando as faculdades.

— Eram essas as minhas intenções, volveu-lhe Fernando. Agora que encontrámos o filho é necessario que a sciencia ponha a mãe em estado de poder ainda gosar a grande alegria de tornar a vel-o.

Duas horas depois Luiz e Fernando estavam já no hospital e dirigiam-se ao quarto aonde estava a pobre Anna.

Encontraram-n'a presa d'uma grande prostração, sentada em frente da janella que abria sobre a praça.

As enfermeiras expozeram a Fernando a maneira como haviam sido applicados os medicamentos prescriptos pelo medico, e fizeram o relatorio verbal das diversas phases porque passara a doente.

Fernando, depois de um demorado exame, disse a Luiz que fallasse a Soledade.

Luiz aproximou-se constrangido. D'esde que o triste acaso o fizera de novo encontrado com ella, era sempre constrangido que se lhe dirigia, e apenas quando Fernando lhe pedia, como agora, esse tremendo sacrificio...

— Anna, minha boa Anna.

Soledade levantou um pouco a cabeça e passeiou por toda a casa um olhar vago, tornando de novo a cahir na mesma prostração, como se aquelle chamamento lhe tivesse sido completamente indifferente.

Luiz então pegou-lhe affectuosamente nas mãos, levantou-lhe de novo a cabeça e obrigou os olhos amortecidos de Anna a fitarem-se nos d'elle.

— Não me ouves, não me respondes?... Olha tens-me aqui, junto de ti... Sou Luiz, o teu Luiz amado... o pae d'aquella creancinha...

Mas Anna, n'este momento, ou pelo effeito das palavras de Luiz, que tivessem principiado a fazer luz no seu cerebro, ou por outra qualquer circumstancia que se havia produzido no seu estado moral, agitou com violencia os braços e de punhos cerrados, faces contrahidas, procurou levantar-se da cadeira e aggredir uma das enfermeiras que estava mais proxima.

— Meu filho, dá-me meu filho, miseravel.

Luiz e Fernando correram a impedir o desatino da louca, que, longe de debater-se, pareceu ficar presa de um abatimento subito que produzindo-lhe uma convulsão nervosa a obrigou a soltar as phrases:

— Perdôem, perdôem; não me matem não me matem, eu já nada peço, nada ambiciono, nem mesmo vel-o... Não, não tenho filho.

Fernando fez signal á enfermeira que se afastara receiosa, e esta immediatamente se aproximou de Soledade com um copo, cujo contheudo produziu na doente uma nova prostração.

— Então? Interrogou Luiz, fitando no seu amigo um olher compungido.

— Temos ainda algum tempo a esperar, porém acredito que ha de recobrar a razão.

— Talvez a presença do filho...

— Se lh'o podessemos apresentar tal como era no momento em que lhe foi roubado, porém agora, não o vendo durante sete annos, a sua presença ser-lhe-hia totalmente indifferente.

— Não reparas como ella está olhando com attenção para as pessoas que passam?

— E' verdade, e até me parece que a sua vista seguia presistentemente aquella mulher andrajoza que acaba n'este momento de transpôr a porta do hospital.

— Encontras n'isso alguma circumstancia digna de reparo?

— Talvez... Espera não ouves vozes?...

N'este momento um empregado abriu a porta e dirigindo-se a Fernando disse-lhe que estava ali uma mulher coberta de andrajos, que pedia para fallar ao sr. Luiz Ferreira Lobo.

— A mesma que Soledade seguia tão insistentemente! Que relações haverá entre Luiz, Soledade e essa mulher?

E voltando-se para o empregado.

— Mande entrar para aqui.

E a Luiz:

— Não suppões quem seja essa mendiga que te procura?

— Não.

N'este momento Litta appareceu no limiar da porta.

— Disseram-me que me queria fallar?

— Não é o sr. Luiz Ferreira Lobo?

— Sou.

— O que tinha a dizer-lhe só ao sr. pode interessar, por isso...

— Meu amigo, disse Luiz a Fernando, mande retirar as enfermeiras.

Fernando deu algumas ordens ás duas empregadas que se retiraram immediatamente.

— Pode fallar. Está diante do meu maior amigo, d'um amigo para quem não tenho segredos de especie alguma.

— E essa senhora...

— E' uma louca. Tudo que se passa em redor d'ella lhe é totalmente indifferente...

— Pobre senhora...

Mas tendo-se aproximado de Anna não poude suffocar um grito subito que lhe escapou dos labios.

Fernando que não perdia a mendiga de vista e lhe expiava os menores movimentos interrogou:

— Conhece-a?

— Conheço... conheço... É a morgada de Louredo.

A estas palavras Anna ergueu a cabeça e fitando os olhos em Litta, levantou-se presa do mesmo accesso de ira de que fora accommettida havia pouco.

— Miseravel, miseravel, que fizeste de meu filho.

Mas ao contrario da enfermeira, Litta não fugiu, cahiu-lhe aos pés supplicante e cobrindo-lhe de beijos as mãos que procuravam apertar-lhe a garganta:

— Sou uma miseravel, sou, pagaram-me para commetter um crime, mas o remorso ha muito que me roubou o socego, e todo o meu fito, todo o meu empenho tem sido ver se encontro essa creança para a restituir áquelles a quem pertence, e com essa restituição salvar a alma do meu Varel, ganhar o repouso que perdi e dar a sua mãe a alegria que lhe tirei.

— Mas meu filho, meu filho que fizeste d'elle? Onde está?

— Vive senhora, está vivo...

— Vivo meu filho! Oh! obrigado meu Deus, obrigado!

E como se n'este grito de suprema alegria se manifestasse a mais violenta das commoções que não era dado supportar o organismo debilitado pela fraqueza extrema em que Soledade se encontrava, as forças faltaram-lhe de subito, e regelada, semi-morta, decerto cahiria redondamente no chão se Fernando e Luiz não estivessem preparados para a amparar.

Levaram-n'a em braços para sobre a cama e Fernando chamou as emfermeiras que vieram despir Anna e friccional-a, fazendo-lhe ingerir a colher de um tonico que promptamente a reanimou.

Emquanto Fernando dirigia toda a sua attenção para a enferma, Litta punha Luiz ao facto do que fizera para o encontrar, e como de indagação em indagação, depois de quasi dezeseseis dias de perigrinar errante pelos logares mais proximos de Beja, achara indicios da creança que havia sete annos fôra exposta por ella nos degraus da egreja de S. Sezinando. Como o acaso levando a a Baleizão a conduzira a casa de Pedro Miguel, que lhe dissera do destino que lhe tinham dado e de que havia dias, dois individuos de Beja o tinham procurado para o mesmo fim, suppondo que um d'elles seria o pae de Emilio.

— Esta manhã, continuou Litta, apenas cheguei procurei pela morada do sr. Fernando Telles, em casa de quem me haviam dito encontraria o sr. Luiz. Disseram-me que tanto o sr. como o sr. Fernando tinham vindo para o hospital. Dirigi-me aqui e pedi para lhes fallar. Os empregados julgando-me doida e repugnando-lhe talvez os meus farrapos não me queriam deixar entrar, mas tanto pedi, tanto suppliquei que um empregado mais graduado mandou-me acompanhar até aqui. Mal sabia eu que vinha encontrar tambem a victima do meu crime.

— É deveras louvavel a sua persistencia em reparar o mal que fez; e da minha parte creia que lhe perdôo sinceramente as horas de amargura que me fez soffrer e a essa pobre que ahi jaz n'aquelle leito, talvez para sempre morta para o mundo. Não é a si que temos de tomar a reponsabilidade não só d'esse crime mas de alguns outros que se ligam com o de que foi cumplice, porém, quiz o acaso que ainda não encontrassemos o miseravel para o levar perante os tribunaes e pedir-lhe contas strictas de todo o mal que tem feito.

— Quer fallar do morgado de Louredo, não é verdade?

— Sim, d'esse infame que desappareceu ha dias de Beja e que fugindo ao castigo inevitavel que o esperava, nos deixou a braços com uma denuncia calumniosa que nos deveria custar a vida.

— E se eu dissesse aonde elle vive?

— Sabel-o?

— Sei.

— Praticarias com isso um acto de humanidade. Esse homem é uma féra, um ente repellente que é necessario excluir da sociedade. Em seu poder conserva a fortuna que elle expoliou á mãe e que pretende negar ao filho. Vê o alcance com que elle te arrastou a um infanticidio. Deu-te algumas moedas para poder assegurar-se da posse de muitos contos.

—Tudo isso sei, de tudo isso o accusei instando para reparar o crime commettido ha sete annos, e para que mandasse procurar a creança que tinha a certeza vivia, e dar-lhe a fortuna que lhe havia expoliado.

— E que respondeu elle?

— Negou-se terminantemente a fazer o que lhe pedia, dando-me, para me callar, umas dez peças de oito mil réis e dizendo que me garantia uma mezada annual se eu guardasse segredo do logar onde se encontrava.

— E que resolveste?

— Procurar pela força obrigal-o a essa restituição, visto que não a pude obter voluntariamente. O morgado de Louredo vive no pavilhão da rua do Calvario, em Serpa, sob o nome de Paulo Mendes a fim de se occultar, diz elle, ás perseguições dos seus inimigos.

— De fórma que...

— A manhã ou hoje ainda poderemos partir para Serpa. Serei o seu guia, e até, se necessario fôr, testemunha no processo a que o morgado tenha de responder.

— Espera um momento, tenho que fallar com Fernando sobre esse assumpto e resolvermos de commum accordo o que se ha de fazer.

N'este momento Fernando tinha abandonado a cabeceira da enferma e vinha depois juntar-se a Luiz.

— Prepara-te para uma grande noticia, meu amigo, que, segundo creio, te vae alegrar extraordinariamente.

—Dize, dize Fernando, supplicou Luiz com anciedade..

— Anna está salva. A commoção porque a presença d'esta mulher a fez passar restituiu-lhe a

vida aos orgãos intellectuaes adormecidos. Não convem, porém, sujeital-a hoje á menor sensação por pequena que seja e por isso temos de nos retirar d'aqui. Deixemol-a repousar. Amanhã voltaremos a vel-a e talvez d'aqui a dois ou trés dias possa sem perigo abraçar Emilio.

— Meu bom amigo, disse Luiz, abraçando Fernando com os olhos razos de lagrimas de reconhecimento; salvando-a salvaste-me tambem a mim, porque havia de pesar sempre na minha existencia a enorme responsabilidade da falta que a levei a commetter sem que podesse um dia reparal-a. Mas para que eu consiga levar ao fim a missão a que me julgo obrigado, teremos de partir para Serpa, onde n'este momento, se encontra o morgado de Louredo.

— O quê, sabes que vive em Serpa?

— Acaba de m'o communicar esta pobre mulher. Preciso quanto antes ir surprehender a fera no seu *covil*, quero pedir-lhe contas do passado e saber quaes são as suas intenções no futuro.

—Estou sempre ao teu dispor, conta commigo, partiremos amanhã.

Os dois amigos saíram da Misericordia. Fernando deu ordem a Litta para que fosse comer e pernoitar a sua casa, visto ella querer partir tambem no dia seguinte para Serpa. Luiz deu-lhe uma avultada quantia como recompensa da sua presente conducta, Fernando juntou algumas peças á lembrança do seu amigo.

Os remorsos da cigana haviam tocado deveras aquelles dois corações costumados a praticar o bem.

Os dois amigos dirigiram-se depois á casa onde a junta deliberava; iam pedir a prisão do morgado de Louredo depois de formularem contra elle o libello dos seus crimes.

(Continua).

Julio Rocha.

REVISTA POLITICA

Acabamos de lêr o relatorio sobre o estado das finanças, apresentado á camara pelo sr. Oliveira Martins, e a proposta de lei, para equilibrar essas finanças pelo mesmo ministro tambem apresentada á camara.

Não nos surprehendeu a primeira, impressionou-nos muito desagradavelmente a segunda.

Não nos surprehendeu o relatorio porque bem sabiamos dos grandes desiquilibrios que se davam no deve e haver do orçamento do Estado, e o que não sabiamos, facilmente o imaginavamos, pelos expedientes de que os ultimos governos tem lançado mão para occorrerem aos *deficits*. Impressionou-nos desagradavelmente a proposta de lei porque, tendo em vista, como era de esperar, o equilibrio do orçamento, esqueceu-se completamente da equilibrio da moralidade.

Esta continúa a ser desconhecida nas regiões do poder por mais que a opinião publica a invoque como o unico meio de salvação d'esta sociedade que se afunda.

Notando no relatorio o silencio que o sr. ministro da fazenda guarda a respeito dos devedores ao Estado e das quantias desviadas do thesouro sem auctorisação, para valer a companhias e a bancos fallidos, notamos na proposta de lei o não tocar n'este importante ponto.

Pois procede se a um balanço do passivo e esquece-se completamente o activo.

Então o Estado só tem credores?

Então ninguem lhe deve um chavo?

Queira o sr. Oliveira Martins perdoar-nos, mas s. ex.ª não foi tão franco no seu relatorio quanto quer fazer acreditar.

Mas ainda ha mais.

Tratando-se no projecto de lei de fazer redução nos ordenados dos funccionarios publicos essa redução principia nos vencimentos, de 300$000 inclusivé e, d'ahi para cima sendo o minimo dos descontos de 5 p. c. e o maximo de 20 p. c., de modo que parecendo esta medida á primeira vi ta equitativa, é no fundo extremamente injusta, porque ao passo que põe a pão e agua uma grande parte dos funccionarios do Estado, a outros apenas lhes suprime um prato de meio.

Note-se que fallamos com a independencia e a consciencia que Deus louvado nos assiste, porque não temos á meza do orçamento o mais insignificante talher, nem uma colher de pau lá mettemos.

Dito isto continuemos.

A opinião publica, senhores dos governos, não exige que se mate ninguem á fome, e muito menos os servidores da nação que trabalham, mas note-se bem os que trabalham. Importa-se mesmo muito pouco que esses funccionarios que trabalham ganhem muito bons ordenados pelo seu trabalho, porque a mesma opinião publica tambem gosta e precisa que lhe paguem o seu trabalho condignamente, mas o que ella justamente se importa é com os que não trabalham e recebem do Estado muito ou pouco, que seja. N'isto é que está o primeiro principio de moralidade.

Ora nem o relatorio nem o projecto de lei nos diz nada a este respeito, e pede sacrificios a todos para continuar a sustentar o parasitismo official, a manter as mil e uma sinecuras que se acoitam por todos os serviços publicos, muito embora esses zangões do cortiço soffram tambem reduções nas rendas dos seus empregos imaginarios.

Pede sacrificios a todos os contribuintes augmentando a 12 p. c. os addicionaes das contribuições directas e não diz uma palavra sobre os que andam sequestrados ao fisco ou que pagam ao estado a decima parte do que deviam pagar por suas rendas.

Vem elevar a contribuição de juros a 30 p. c. e não abre o parentesis para as instituições de caridade, que uma lei do paiz obrigou a venderem as suas propriedades para as converterem em titulos de divida publica, com grave prejuizo para o progressivo augmento dos seus rendimentos.

Destina o sr. ministro da fazenda uma verba de 250:000$000 para occorrer aos *deficits* que essas instituições possam ter com a diminuição dos seus rendimentos.

Isto faz supor que os titulos de divida publica averbados ás misericordias, hospitaes, azylos, montepios e outras instituições de caridade não vão muito alem de vinte e sete mil contos nominaes quando necessariamente essa verba é muito maior, e os encargos d'estas instituições tendem sempre a augmentar e não a deminuir.

E o que hão de fazer essas instituições de caridade? Limitar os seus soccorros justamente na occasião em que a miseria tende a crescer?

Não somos contrarios á redução dos juros da divida publica, porque isso será até um bom principio de economia para o paiz afim de desviar os capitaes d'esse negocio convidativo e commodo que é ainda o menos trabalhoso e que mais rende. Isto que á primeira vista será um mal, tem o lado bom de encaminhar os capitaes para as industrias d'onde elles até hoje, entre nós, tem fugido.

E' preciso, porem, salvar os rendimentos das instituições que não negoceiam com o estado apezar de terem sido obrigadas a obrirem-lhe conta de credito.

Estamos chegados ao limite d'esta revista e faltanos espaço para esmiuçarmos mais alguns pontos da proposta de lei, mas por mais que esmiuçassemos não lhe poderiamos encontrar o que ella não tem, não obstante ser o que todos pedem, não incluindo os politicos.

Primeiro que tudo é preciso restabelecer a moralidade, e depois pedir então todos os sacrificios possiveis.

Seriam assim muito melhor supportados, não encommodariam tanto e não teriam o perigo de fazer rebentar a corda com que querem enforcar este bom povo.

João Verdades.

IMPRESSÕES VEGETAES

SOBRE CINZAS VULCANICAS AGGLOMERADAS, PROVENIENTES DA ERUPÇÃO DO MONTE BRAZIL NA ILHA TERCEIRA (AÇORES)

(Segundo photographia do sr. Conselheiro José Julio Rodrigues)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os Albergues Nocturnos de Lisboa, *Associação fundada por S. M. El-Rei o sr. D. Luiz I*, Lisboa etc. 1891. E' o VIII relatorio d'esta associação apresentado á assembléa geral pelo seu secretario e relator o sr. conde de Valenças. Documento de summa importancia social é ao mesmo tempo este relatorio uma obra de subido valor litterario e de grande merito.

D'elle faz parte a biographia de El Rei D. Luiz que já publicámos no Occidente por occasião do anniversario da morte d'este monarcha.

N'elle se encontra um justo brado contra a carencia de escolas para o povo, causa principal da emigração, de que desenha um triste quadro.

Com respeito á administração dos Albergues, vê-se que tem sido um modelo de boa economia, continuando a capitalisar fundos que sobem á quantia de 90:353$890, sendo estes fundos a melhor garantia da estabilidade de tão util quanto caritativa instituição.

Bem hajam quantos concorrem com o seu obulo e com a sua dedicação para este estabelecimento de caridade.

Anatomia e clinica cirurgica, *Relatorio de uma viagem ao estrangeiro* pelo dr. Sousa Refoios, lente substituto da Faculdade de Medicina de Coimbra. Coimbra Imprensa da Universidade, 1891. Um vol. de 275 pag. in-4.º illustrado com varias estampas. Falta-nos competencia para emittir opinião sobre esta obra especial, mas da sua leitura podemos concluir que as nossas escolas medicas e hospitaes precisam de importantes reformas para que possam chegar ao adiantamento em que se acham outras no estrangeiro.

O auctor no capitulo VII de este relatorio, frisa bem a necessidade d'aquella reforma, referindo-se á escola e hospital da Universidade.

Este assumpto interessa tanto á classe medica como á administração superior da instrucção publica.

Lopo Vaz de Sampaio e Mello, *Esboço biographico* por Alberto Pimentel. Lisboa, etc. 1891. Um folheto de 52 pag. in-8.º. Foi esta biographia distribuida pretusamente na occasião do *Te-Deum* que se cantou na igreja dos Martyres em acção de graças pelo restabelecimento do illustre estadista. E' um trabalho muito completo e que faz a justa apreciação do homem de estado.

La Reforma Literaria, *Memoria lida por Don Manoel Lorenho d'Ayot etc. etc. en el Fomento de Las Artes*, Madrid, 1891. Eloquente discurso em que uma das coisas que o auctor pede, é a abolição do verso.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43